

Havia entre os atenienses do período clássico a ideia de infância? Uma possibilidade de análise do diálogo entre a cerâmica grega e a Filosofia

Luana Neres de Sousa

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Aparecida de Goiânia - Goiás - Brasil
neresluana@gmail.com

Resumo: Este artigo traz uma proposta de interpretação sobre a noção que os antigos atenienses do período clássico possuíam acerca das especificidades de uma criança em seus primeiros anos de vida, ou seja, sobre o que hoje denominamos por *infância*. Para isso, à guiza da historiografia especializada, realizamos um diálogo entre as informações impressas nos textos de Platão e de Aristóteles com as de três representações de crianças pequenas na cerâmica ática do séc. V a.C.. Nosso intuito é discutir se os meninos eram tratados como adultos em miniatura pelos atenienses do período clássico ou se recebiam cuidados próprios que distinguem essa fase das demais etapas do desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Infância. Paidéia. Atenas Clássica. Cerâmica Grega. Filosofia Antiga.

Introdução

Por muito tempo, temas relacionados à criança e à infância foram desprezados pela historiografia tradicional. Porém, desde meados do século XX, aumentou-se consideravelmente o número de trabalhos dedicados a este tema, sobretudo acerca da concepção que se possuía sobre a infância no Mediterrâneo Antigo. Ainda assim, as questões relacionadas com a infância foram incorporadas aos estudos das mulheres e da família, especialmente nos trabalhos sobre a Antiguidade, uma vez que em Platão, na *República* (431c), e em Aristóteles na *Política* (1260a), as reflexões sobre as crianças figuram junto àqueles sobre as mulheres e os escravos (COHEN, 2007, p.2). À vista disso, problematizamos: de que forma era concebida a noção de infância entre os antigos helenos? Como podemos pensar práticas que diferenciavam essas faixas etárias? Nas páginas que se seguem, buscamos respostas para essas e outras questões.

Um problema encontrado pelos historiadores da infância é o de não haver fontes escritas suficientes para a realização de seus estudos, uma vez que as próprias crianças não deixam muitos registros (HEYWOOD, 2004, p.14). Quando nos voltamos sobre o olhar do antigo ateniense acerca do limiar da vida humana, nos deparamos com documentos que foram produzidos por homens adultos, pertencentes às camadas mais abastadas da

sociedade, escrevendo quase que exclusivamente sobre crianças do sexo masculino, pois muito raramente os textos se referem às meninas. Ponderando essas colocações, fica evidente o caráter restritivo da natureza dessas fontes. Deste modo, a Arqueologia desenvolve um papel proeminente, uma vez que nos chegaram diversas cerâmicas com cenas do cotidiano infantil em Atenas durante o período clássico e até mesmo exemplares de brinquedos utilizados por essas crianças¹.

É preciso esclarecer que “criança” e “infância” são conceitos distintos e variam segundo o tempo e local em que estão inseridos. *Criança* está ligado ao biológico, à determinada fase de desenvolvimento em que o ser humano se encontra, enquanto *infância* é um conceito abstrato e diz respeito ao modo como as sociedades compreendem e se relacionam com as crianças. Ao buscarmos a etimologia da palavra *infância*, constatamos que este termo advém do latim *infantia*, que significa a incapacidade de se expressar por meio da fala (PEREGRINO, 2010, p.14-16). Compreendemos que no contexto em que este termo foi elaborado, a incapacidade de falar estivesse mais relacionada à habilidade e oportunidade da pessoa em seus primeiros anos de vida poder se valer da arte da oratória, como era muito valorizado pelas sociedades extremamente oralizadas como eram a romana e a grega, que ao simples fato de se comunicar.

Philippe Ariès defende que o sentimento de infância só despontaria a partir do Renascimento, não havendo essa ideia em períodos anteriores. Segundo o autor:

Na sociedade medieval, (...) o sentimento da infância não existia – o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia (ARIÈS, 1981, p.156).

Para Ariès, quando o sentimento de infância desponta a partir dos séculos XVI e XVII, se constituiu inicialmente no que o autor chama de *papericação* (surgido entre as mulheres encarregadas de cuidar das crianças, no qual os pequenos se convertiam em fonte de distração e relaxamento em decorrência de sua ingenuidade, graça e gentileza). Posteriormente, este sentimento se converteu em um interesse psicológico e uma preocupação moral realizados por educadores do século XVII que não viam a criança como divertida e agradável, mas como um ser que necessitava ser educado racionalmente, seja no campo ou na cidade (ARIÈS, 1981, p. 162-163).

¹ Chegaram aos dias atuais inúmeros exemplares de brinquedos que pertenceram a crianças gregas de diversas temporalidades. Entre esses brinquedos, encontramos bonecas articuladas, cavalos com rodinhas. Acerca da representação de crianças e suas atividades na cerâmica ática, consultar o artigo *Children in Archaic and Classical Greek Art: a survey*, de John H. Oakley.

Entretanto, é importante ressaltar que as análises de Ariès se convergem na Europa Central entre os séculos XII e XVII, não abrangendo, portanto, o período e nem a localidade compreendidos nesta pesquisa, que é a cidade de Atenas nos séculos V e IV a.C. Ainda assim, suas reflexões são extremamente pertinentes, uma vez que problematizam a questão da infância ao longo da história, sendo por muitos anos a principal referência no Brasil para se pensar este conceito e as percepções sobre este ao longo do tempo.

Em 2001, Colin Heywood (2004, p. 33) trouxe frescor ao debate e esclarece que a ideia de sentimento de infância na obra de Ariès é ambígua, podendo significar tanto uma consciência de infância quanto um sentimento em relação a ela. O autor argumenta que é incauta a alegação a respeito da ausência do sentimento de infância em períodos anteriores ao Renascimento, defendendo, portanto, ser mais profícuo compreender a existência de diversas concepções sobre a infância elaboradas nos mais variados contextos e temporalidades.

Sobre a possível ideia de infância entre os atenienses antigos, o trabalho de Mark Golden (1993, p. 14) foi pioneiro ao explorar como era a vida das crianças em Atenas nos períodos clássico e helenístico. Analisando fontes escritas e arqueológicas, Golden discute em sua obra a maneira como os atenienses antigos compreendiam as especificidades das crianças e descreve diversos aspectos do cotidiano infantil. Ao apreciar os textos escritos, Golden mapeia diversos termos gregos empregados para delimitar as fases de desenvolvimento humano masculino. Os termos que compreendem o limiar da vida são *brepheos* (recém-nascido); *paidion* (lactente); *paidarion* (criança que pode andar e falar); *paidiskos*; *pais* (criança passível de ser educada); *palléks* ou *boupais* ou *antipais* ou *mellephébos*; *ephébos* (e seus equivalentes locais). Em seguida existem os vocábulos *meirakion* e *meiraks*, que compreendem o que hoje chamaríamos de adolescência. Havia também os termos *neaniskos* e *neanias*, equivalentes a jovem e assim por diante até a velhice, conforme esclarece o autor.

Entretanto, apesar do abundante vocabulário para determinar essas fases, não há um termo específico para a infância (GOLDEN, 1993, p. 14). Das palavras apresentadas destacamos que *pais* se constitui em um vocábulo abrangente destinado a classificar os garotos antes de sua admissão na vida pública e também as meninas antes de se casarem (GOLDEN, 1993, p.15), bem como para se referir a escravos, como podemos observar em Hipócrates, na obra *Epidemias*:

Entre os que estavam infectados pela tosse, por uma parte, os que trabalhavam com suas mãos, como o *pais*² que trançava e o que era de Amintas³, sofreram paralisia exclusivamente da mão direita

Τῶν βησσόντων οἱ μὲν τῆσι χερσὶ ταλαιπωρέοντες, οἷον ὁ *παῖς* ὁ τὰ κλήματα στρέφων, καὶ ὁ Ἀμύντεω, παραλυθέντες αὐτὴν μῦνον τὴν δεξιὴν ἀμφοτέροι, ἐπαύσαντο, ἔπειτα ἔπαθον τοῦτο βήσσοντες· οἱ δὲ ἢ ἵππευσαν, ἢ ὤδοιπόρησαν, ἐς ὄσφυν, ἐς μηρόν· (HIPÓCRATES. *Epidemias*, IV 50).

Não fica claro nesta citação quem estava acometido pela tosse: o indivíduo mencionado pode ser um escravo, uma criança ou ambos (DEAN-JONES, 2013, p.110). Ao se analisar a documentação referente ao conceito de *pais* durante o período clássico, é preciso ter muita cautela e se considerar todo o contexto para não cometer a inadvertência de se confundir a figura de um menino ateniense com a de um escravo.

Realizado este breve apanhado historiográfico sobre o conceito de infância e os termos que determinavam as fases da vida do menino durante o período clássico, faz-se necessária uma análise mais aprofundada do modo pelo qual a criança era concebida pela sociedade ateniense. Neste sentido, as obras platônicas e aristotélicas se convertem em uma fonte de grande expressão, considerando-se que estes pensadores nos fornecem informações relevantes acerca do processo educacional dos meninos atenienses.

A visão filosófica sobre a criança em Platão e Aristóteles

Dentre as fontes dos séculos V e IV a.C. que versam sobre os primeiros anos de desenvolvimento dos meninos, as mais requisitadas pela historiografia são as obras de Platão (427-347) e de Aristóteles (384-322a.C), haja vista tais pensadores serem considerados os pilares da Filosofia Clássica.

Platão dedica boa parte de suas considerações filosóficas ao campo do ensino, ainda que sua teoria educacional não se restrinja exclusivamente à criança (CHARLOT, 1977, p. 232-233). O filósofo escreve seus diálogos no início do século IV a.C., época de transição em que despontam ideais individualistas, cujo ápice se encontra no período helenístico. Neste momento, o ímpeto de coletividade que fora vivenciado pelos cidadãos durante o período arcaico gradativamente perde força ante os interesses particulares, valores perdidos pela juventude em decorrência do colapso vivenciado pela *pólis* por seu envolvimento na Guerra do Peloponeso. Por este motivo, Platão compreende que é através da educação que as crianças e os jovens teriam cultivadas em suas almas a Verdade e a

² Destacamos em negrito o termo *pais* tanto na transcrição quanto no original grego para que leitor possa fazer a conferência do mesmo.

³ Amintas (em grego: Ἀμύντας) é o nome de diversos indivíduos da Grécia Antiga. O nome vem da palavra grega *amyntor*, que significa "defensor".

Justiça capazes de convertê-las em adultos dispostos a servir pelo bem comum (KOHAN, 2003, p. 14).

Examinando o último trabalho de Platão, as *Leis*, é possível supor que o filósofo possuísse certo desprezo pelas crianças. *Leis* é um diálogo inacabado cuja temática principal encontra-se na importância do legislador para se evitar infrações através da instrução dos cidadãos (DALLARI, 1999, p. 31). Francisco Lisi (1999, p. 58) esclarece que para Platão em as *Leis* “a educação se converte em obrigatória e geral para todos os meninos e adultos, entendendo a vida inteira como imersa em um contínuo processo educativo”. Neste diálogo, toda reflexão do filósofo gira em torno dessa formação, por isso, a importância depositada na educação do menino desde a mais tenra idade, a fim de que este aprenda a domar suas paixões em nome do bem comum.

No livro VII, as personagens Atenienses expressam que as crianças são portadoras de um humor melancólico, tendentes à cólera e movidas a ninharias. Afirma que os bebês se expressam através do choro e de berros, sinais de infelicidade, e que este período da vida dura em torno de três anos, bastante tempo para se viver mal ou bem (PLATÃO. *Leis*, VII 792b). Em outro trecho, o Ateniense afirma que os jovens possuem natureza ardente e que são incapazes de manterem o corpo e a língua em repouso, gritando e saltando de maneira desordenada (PLATÃO. *Leis*, II 664e-665a).

Ao analisarmos o texto platônico, compreendemos que quando o desejo não é dominado por seu portador, este se torna escravo de seu anseio, cometendo *hybris* (desmesura ou descontrole). Tanto no Livro II quanto no VII a criança é representada por Platão desprovida de equilíbrio, se comunicando por gritos e movimentos desordenados. Por esse motivo, interpretamos que a associação entre o termo *país* e a escravidão (*douleía*) se concentre nesse ponto, haja vista o escravo não possuir liberdade sobre seus atos, do mesmo modo que a criança pequena, que além de ser destituída dessa liberdade, expressa seus desejos e frustrações através do choro.

No livro VII, Platão afirma que os costumes ancestrais muito antigos podem e devem ser incorporados por todo conjunto de leis garantindo coesão ao Estado. E dentre estes costumes encontram-se os cuidados com os bebês e crianças jovens, tais como o zelo que as amas de leite deveriam ter com os lactentes. Além disso, Platão orienta que haja a oferta de jogos e brincadeiras para as crianças entre três e seis anos (jogos estes que muitas vezes eram criados pelas próprias crianças quando em grupo) e o uso de castigos corporais quando as mesmas não obedecessem a seu tutor ou qualquer outro adulto que estivessem com elas. Entretanto, o filósofo adverte que tais punições não fossem degradantes (PLATÃO. *Leis*, VII 793e-794a). O uso de castigos físicos por parte dos tutores também

aparece no diálogo *Protágoras*, conforme observamos a seguir: “Ensinam-no e o corrigem desde a mais tenra idade até o último dia de suas vidas. [...] Se ele prontamente obedece, excelente; mas se não, eles tratam-no como um pedaço dobrado e trançado de madeira e a endireitam-na através de ameaças e golpes” (PLATÃO, *Protágoras*, 325c-d).

Em *Leis*, Platão atesta que a criança “é a mais difícil de dominar entre todas as feras. De fato, na medida em que ainda não se tenha disciplinado sua razão, torna-se desonesta, violenta e o mais terrível dos animais. Portanto, é necessário o maior número de freios para domá-la” (PLATÃO. *Leis*, VII 808 d-e). Após a apreciação deste trecho, inferimos que Platão reconhece na criança e no jovem o germe do futuro cidadão e é exatamente por isso que a educação se torna um instrumento tão importante. Para Bernard Charlot (1977, p. 245), na obra platônica a “infância aparece necessariamente como falta de humanidade e promessa para a humanidade”. Essa afirmação de Charlot nos convida a uma reflexão: ainda que o filósofo tenha declarado que a criança seja mais difícil de ser domada que o mais selvagem dos animais, ele não a desumaniza, pois reforça que há na mesma uma razão que ainda não foi moldada. Esta constatação é importante, pois evidencia o caráter racional próprio do ser humano presente na criança, apesar da indispensável necessidade de lapidação alcançada através de sua educação. Se de fato Platão não identificasse humanidade no *brephos*, no *paidion* ou no *pais*, não se dedicaria a falar sobre a importância de se educar esses jovens para o exercício político no futuro. Endossamos nossa tese também a partir da leitura do livro II da *República*, em que através de Sócrates, Platão (*República*, II 377a-b) esclarece: “bem sabes que o princípio de toda a obra é o principal, especialmente os mais pequenos e ternos; por que é então quando se forma e imprime o tipo que alguém quer disseminar em cada pessoa”. Também na passagem: “Se bem educados, surgirão homens medidos que distinguirão claramente todas essas e outras coisas” (PLATÃO. *República*, IV 423e).

Assim como Platão, Aristóteles não dedicou nenhuma obra exclusiva para tratar as especificidades do início da vida humana. Entretanto, é comum em trabalhos sobre a história da infância⁴ a ideia de que para os gregos antigos, de um modo geral, e para Aristóteles, especificamente, a criança fosse concebida enquanto um adulto em miniatura.

A criança ainda **não é completamente desenvolvida** e, portanto, suas qualidades obviamente não podem ser consideradas apenas em relação a ela mesma, e sim ao homem inteiramente desenvolvido.

⁴ Dentre as inúmeras publicações que afirmam a criança ser concebida na Antiguidade enquanto um adulto em miniatura, podemos citar os trabalhos de Lucimary Andrade (2010, p.48), Antônio José Araújo Lima (2015, p.8) e Ivanilde Apoluceno de Oliveira (2013, p.28).

ἐπεὶ δ' ὁ παῖς ἀτελής, δῆλον ὅτι τούτου μὲν καὶ ἡ ἀρετὴ οὐκ αὐτοῦ πρὸς αὐτὸν ἔστιν, ἀλλὰ πρὸς τὸ τέλος καὶ τὸν ἡγούμενον (ARISTÓTELES. *Política*, 1260a).

Após a análise da passagem acima, é possível constatar que o termo utilizado por Aristóteles é *ateles* (incompleto) e não *mikros* (pequeno, miniatura) o que em grande parte elucidada a maneira pela qual o filósofo compreendia as particularidades dessa faixa etária. A palavra *ateles* evidencia a importância atribuída pelo filósofo à educação no processo de desenvolvimento do *país*, no intuito de que este possa na idade adulta gozar plenamente de sua racionalidade e, conseqüentemente, do seu papel social.

Aristóteles afirma que após o nascimento dos filhos, sua criação deve ser orientada no sentido de se manter o vigor físico, cuidando de sua dieta e das atividades que estes executam até os cinco anos de idade. Para o filósofo, as crianças devem ser levadas a movimentar-se bastante, através de jogos próprios para pessoas livres, a fim de se evitar a indolência corporal (ARISTÓTELES. *Política*, 1336a), ideia bem semelhante a defendida por Platão em *As Leis*.

Em outra obra, *Ética a Nicômaco*, Aristóteles defende que as crianças podem se perder na intemperança (*hybris*) se não forem educadas na razão, sendo de extrema importância que essas aprendam a controlar seus desejos. Ainda sobre a *hybris*, o filósofo afirma que “as crianças vivem à mercê dos apetites, e nelas tem mais força o desejo das coisas agradáveis. Se não forem obedientes e submissas ao princípio racional, irão a grandes extremos, pois num ser irracional o desejo do prazer é insaciável, embora experimente todas as fontes de satisfação” (ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, 1119a-b). Após a apreciação do trecho citado, fica evidente que Aristóteles corrobora com o pensamento platônico de que os meninos precisam ser controlados e educados para o uso da razão, a fim de que se converta em um adulto temperante.

Encontramos, tanto em Platão quanto em Aristóteles, diversas orientações relacionadas aos cuidados que deveriam ser dedicados aos meninos desde o nascimento, de modo a contribuir para que sua capacidade racional fosse estimulada e, assim, garantida sua formação desde cedo. Entretanto, não havia em Atenas nesse período uma instituição além da família que fosse responsável por este primeiro ensino. Durante os anos iniciais, a educação da criança ocorria exclusivamente no seio doméstico e objetivava o seu desenvolvimento físico e motor. Tal ensino ficava a cargo das mães e das amas no espaço privado do *oikos*⁵ denominado gineceu, de uso exclusivo das mulheres.

⁵ *Oikos* ou *oikia*: designa a casa, a terra e todos os que fazem parte desse domínio: parentes, servos e escravos.

O fato de ter nascido naquele *oikos* não fazia da criança membro da família: era necessário que o *kyrios*, o chefe daquele *oikos*, o reconhecesse e o aceitasse. Golden (1993, p.23, 29) nos esclarece que a mãe não era vista como parente do menino, cabendo a ela conceber a criança e fornecer a alimentação necessária à sua sobrevivência. A linhagem do menino ligada exclusivamente ao pai se explica pelo fato de que somente os homens possuíam direito à cidadania em Atenas e que o principal objetivo de uma família ateniense era a geração de futuros cidadãos para a *pólis*. Entretanto, ainda que a mãe não fosse detentora de direitos políticos, era fundamental que esta pertencesse a uma família de origem ateniense para garantir o direito à cidadania àqueles que ela concebesse.

Ao deixar de ser um *paidarion*, o *pais* iniciava seus estudos no modelo educacional denominado Paidéia, que possuía como principal característica o ensino de aspectos da cultura grega visando à preparação do menino ateniense para sua participação na guerra e na vida pública. Esse processo durava em torno de sete anos, quando o menino se tornasse um *meirakion*. Platão nos informa que o *pais* recebia aulas de gramática, de aritmética, de canto e de execução de instrumentos musicais como a lira, além de práticas esportivas (PLATÃO, *Protágoras*, 325c – 326a). É de fundamental importância destacar que a *mímesis*, ideal de imitação criativa, possuía bastante importância na Paideia, uma vez que os antigos atenienses atribuíam muito valor a observação e emulação dos atos nobres dos mais velhos.

Esperava-se com essa formação que, quando adulto, esse menino se tornasse um *kalokagathos*, ideal de homem virtuoso que buscava conjugar a ideia de beleza (*kalón*) com a de bondade (*agathosýne*) (MARROU, 1990, p. 77-78). É importante enfatizar que este era um ideal de educação exclusivamente masculino, tendo em vista que as mulheres não serem consideradas cidadãs por não deliberarem na Assembleia e por não lutarem na guerra.

Conforme elucida Walter Omar Kohan (2003, p. 14), para Platão, “a infância é um problema filosoficamente relevante na medida em que se tenha de educá-la de maneira específica para possibilitar que a polis atual se aproxime o mais possível da idealizada”. Ao analisarmos as fontes escritas, sobretudo as filosóficas, inferimos que os primeiros anos do desenvolvimento humano possuem um caráter negativo relacionado à incompletude humana e, o que *a priori* nos levaria a crer que os atenienses do período clássico poderiam desprezar essa fase da vida. As visões de Platão e de Aristóteles são desfavoráveis à criança por estarem atreladas à importância do domínio da razão e da prática política, uma vez que o menino ateniense ainda se encontra em um estágio de desenvolvimento racional incompleto e, por isso, carece do mais notável cuidado em seu processo de formação social.

Retornemos ao conceito de infância elaborado por Ariès (1981, p. 156): “consciência da particularidade infantil, (...) que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem”. Ao analisarmos os textos platônicos e os aristotélicos, fica evidente que os filósofos possuíam consciência das especificidades no desenvolvimento e no comportamento das crianças, o que comprova a ideia de que existia uma noção semelhante à de infância em seu pensamento, ainda que tivesse um caráter negativo quando comparado à completude da vida adulta do cidadão. Compreendemos que a obra de Platão, em grande parte, trata-se de uma tentativa de defender Sócrates e sua Filosofia. Sabemos que em 399 a.C. o mestre filósofo foi condenado à morte por cicutá sob a acusação de impiedade e de ter corrompido a juventude (MOSSÉ, 1990, p. 99). Por esse motivo, Platão busca demonstrar que as crianças e os jovens possuem a alma tomada pela *hybris*, pela desarmonia, sendo de suma importância uma boa educação para orientar a razão – própria dos homens – ainda não amadurecida, a fim de que esse menino se converta em um *kalokagathos*. Na obra platônica, especialmente na *República* e nas *Leis*, essa educação deveria ter como base a Filosofia, sabedoria praticada por Sócrates entre os jovens de seu tempo. Em outras palavras, para Platão, Sócrates teria sido acusado injustamente de corromper os jovens, uma vez que é próprio das crianças e jovens carregar a perversão em suas almas, tendo o mestre filósofo dedicado sua vida exatamente a resgatar nesses jovens a razão própria dos bons cidadãos.

Entretanto, conforme dito anteriormente, a cultura material tem auxiliado muito a historiografia na análise que os antigos atenienses possuíam sobre a aurora do desenvolvimento humano. Ao confrontarmos a visão filosófica com aquela expressa nos vasos antigos, constatamos que há outra hipótese possível: a de que os atenienses apreciassem essa fase da vida, ainda que a mesma fosse frágil e efêmera. Por isso, faz-se necessário o diálogo entre a visão filosófica acerca das crianças pequenas e a representação dessas na cerâmica.

As crianças e as cerâmicas do Período Clássico

A arte grega fornece uma rica fonte de informações sobre a infância na Grécia Antiga, ainda que este tipo de documentação tenha sido mal aproveitado até recentemente. As imagens impressas nas cerâmicas apresentam cenas de vários aspectos do dia-a-dia dos meninos que também são citados nas fontes literárias, bem como alguns não mencionados, aumentando assim o nosso conhecimento sobre os primeiros anos dos meninos atenienses

do período clássico e ampliando o quadro da vida cotidiana da Grécia antiga (OAKLEY, 2013, p. 147, 168).

O apogeu das representações de crianças desenrola-se durante o período clássico, quando ocorre uma maior variação nas cenas retratadas. Segundo John Oakley, o aumento do interesse em representar essa fase da vida, especialmente na segunda metade do séc. V a.C., parece ser uma reação à perda de parte da população, seja pela peste ou pela guerra do Peloponeso. Cenas cotidianas da casa (*oikos*) retratando as crianças, em sua maioria de forma positiva, são encontradas em diversos vasos de figuras vermelhas⁶, principalmente naquelas manuseadas por mulheres: não há cenas de choros e nem de birras (OAKLEY, 2013, p. 156-157, 168). Também foram encontrados diversos utensílios cerâmicos que eram utilizados especialmente pelas crianças, como os *chous*, que são pequenos vasos arredondados e pintados com cenas envolvendo crianças pequenas. Esta espécie de cerâmica era usada durante as Antestérias⁷ para que os meninos que tivessem mais de três anos pudessem provar do vinho novo (CAMBIANO, 1994, p. 88). É importante destacar que os atenienses do período clássico sempre ingeriam o vinho diluído com o objetivo de se evitar prontamente o estágio ébrio (MURRAY, 1994, p. 202-203).

Muitas cerâmicas eram assinadas pelo oleiro (*epoiesen* – aquele que fez), pelo pintor (*égraphsen* – aquele que pintou) ou pelos dois, que poderiam ser cidadãos, metecos ou escravos (SARIAN, 1993, p. 106, 112). Entretanto, ainda que os artesãos tivessem origem em um meio social diversificado, não podemos nos esquecer de que muitos vasos eram encomendados e que, por esse motivo, buscavam atender a visão de mundo daqueles aos quais se destinavam. Conforme esclarece Haganuch Sarian, encontramos inscrições em alguns exemplares com o adjetivo *kalós* acompanhado do nome do destinatário do vaso, sendo sempre – segundo a autora – nomes gregos de atenienses, cidadãos da sociedade com seus plenos direitos políticos (SARIAN, 1993, p. 115). Em outras palavras, ainda que o vaso fosse produzido por um meteco ou escravo, a ideia nele representada estava de acordo com a perspectiva dominante da aristocracia.

Analisamos a seguir três cenas de crianças registradas em cerâmicas áticas de figuras vermelhas⁸, que teve o auge de sua produção entre os séculos VI e IV a.C. (SARIAN, 1993, p. 105). Lesley Beaumont (1995, p. 340-341) aponta alguns critérios metodológicos

⁶ Tal técnica consistia pintar o fundo da cena em preto, deixando a figura em si no tom original da cerâmica.

⁷ Festa dionísia celebrada dos dias 11 a 13 do mês de *Anthestérion*, que seria equivalente aos meses de fevereiro a março do calendário gregoriano (TRABULSI, 2004, p. 192-201).

⁸ Utilizamos neste artigo a metodologia iconológica proposta por Erwin Panofsky (1986, p. 27), que consiste em procurar o significado das imagens em três níveis hierarquicamente estabelecidos: a identificação e descrição do suporte, o reconhecimento dos motivos artísticos e por fim, a análise dos significados intrínsecos das cenas.

que auxiliam a identificação de uma criança nas pinturas das cerâmicas. A primeira é que frequentemente estas são representadas menores que os adultos, mesmo que na iconografia ática nem toda figura pequena se trata de uma criança⁹. Outros elementos que auxiliam nessa identificação são a ausência de barba e de pelos pubianos, no caso dos meninos; ausência de vestidos, no caso das meninas; objetos em cena ligados às crianças, como brinquedos e utensílios típicos de uso infantil; e a disposição e justaposição das figuras, pois muitas vezes a figura do *brephos* é representada nos braços de um adulto.

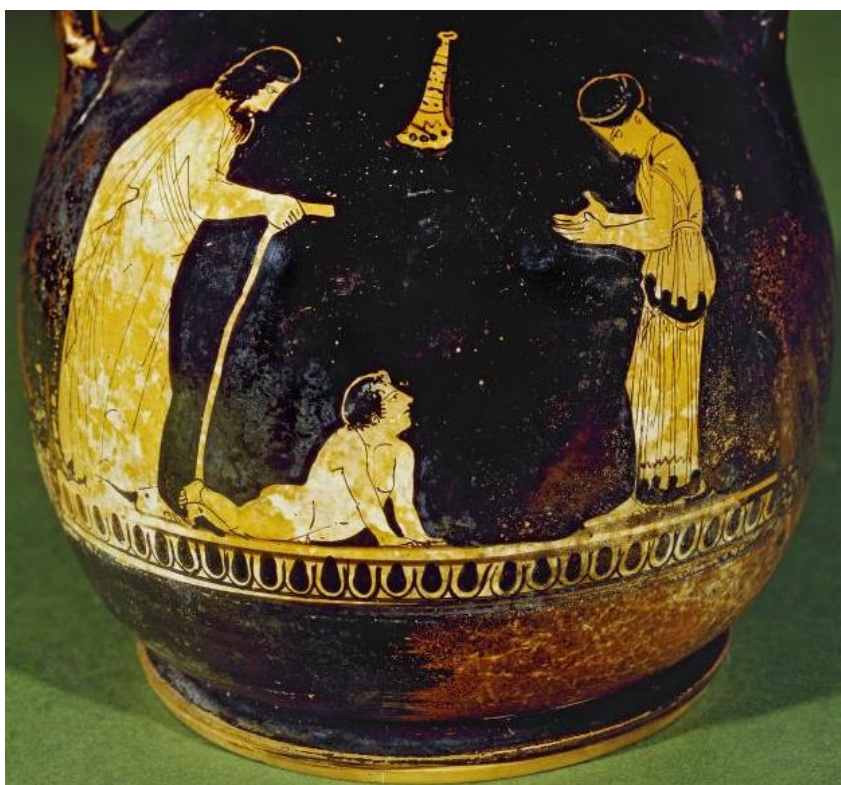


Figura 01: *Pelike* ática de figuras vermelhas. 440-420 a.C. Cemitério de Camiros.
Fonte: Museu Britânico de Londres.

Um exemplar que nos auxilia na análise de cenas com temática infantil é a *pelike* de figuras vermelhas atualmente pertencente ao Museu Britânico de Londres (fig.1). Nela é retrata a cena de um *paidion* aprendendo a andar, trajando uma coroa de flores na cabeça. Do lado direito, há a presença de uma mulher de cabelos presos e de braços estendidos em relação à criança. No lado esquerdo, há um homem barbudo portando um cajado, elemento que indica que provavelmente se trata de um cidadão¹⁰. Homem e mulher olham fixamente para a criança, que está representada no centro da imagem. Segundo o teor da cena, é

⁹ Escravos geralmente são representados em estatura menor que os cidadãos e os seres mitológicos em tamanho maior que os mortais (BEAUMONT, 1995, p.340).

¹⁰ Segundo Alexandre Carneiro Cerqueira Lima (2011, p. 42), o cajado geralmente é utilizado para indicar autoridade e cidadania.

provável que os adultos sejam os pais do menino (SUTTON JR., 2004, p. 339-340); (OAKLEY, 2013, p. 157). A partir da análise da imagem é possível inferir que os adultos demonstram interesse na atividade da criança, pois o pai observa atentamente a ação e a mãe encoraja a criança lhe erguendo os braços. O *paidion* responde ao estímulo da mulher, erguendo seu tronco e olhando fixamente nos olhos desta.



Figura 02: *Hydria* de figuras vermelhas. F2395. Aprox. 450-400 a.C. Autoria desconhecida.
Fonte: Museu de Antiguidades de Berlim, Oxford. Fotografia: J.Tietz-Glagow.



Figura 2.1. Desenho de Maximilian Meyer (1885).

Outra cena de grande contribuição nesta análise é a impressa na *hydria* F2395 do Museu de Antiguidades de Berlim (fig. 2), cujo tema é a de uma mulher amamentando um *brepheos*. Assim como na *pelike* analisada anteriormente, existe um homem barbudo portando um cajado, que olha fixamente para a criança. Do lado direito, há a presença de uma mulher em pé, cujo corpo está voltado para a região central da imagem. Ainda do lado direito consta outra mulher sentada, com os cabelos presos e adornados, amamentando um lactante. Sutton Junior (2004, p. 345-346) afirma que tal cena retrata o *oikos* do personagem trágico Anfiarau¹¹, no qual sua esposa Erífile aleita Alcmeón, filho do casal. A identificação dos personagens é possível graças às inscrições AMPHIAROS, ERIPHYLE e ALKMEON gravadas no alto da cena, próximo às figuras humanas (fig. 2.1). É possível concluir que, mesmo que represente personagens de um mito trágico no qual há um caso de matricídio, a *hydria* carrega em si a cena de uma mãe que cuida amorosamente de seu filho, afagando seus cabelos com carinho ao mesmo tempo em que o amamenta, enquanto todos ao redor admiram o ato com ternura.



Figura 03: Interior de uma *kylix* de figuras vermelhas, atribuída a Sotades. 460 a.C. A890.
Fonte: Museus Reais de Bruxelas.

A terceira imagem traz a cena de uma criança sentada em um vaso de uso exclusivo infantil, semelhante à cadeira P18010 de figuras negras pertencente ao Museu

¹¹ Sobre o mito de Anfiarau, consultar GRIMAL, 1992, p. 26-27.

Arqueológico da Ágora Ateniense¹². Há no lado esquerdo uma mulher de cabelos presos, sentada com os braços estendidos em direção à criança, com as palmas das mãos viradas para cima. A criança também oferece os braços à mulher, chutando as pernas animadamente. Esta imagem reforça a importância em estimular as crianças a se movimentarem bastante no intuito de favorecer o seu desenvolvimento físico, conforme defende Aristóteles na *Política*, 1260a.

Após análise, é possível constatar nas três cenas que a temática infantil configura-se no objeto principal da pintura. Tanto na *pelike* (fig.1) quanto na *hydra* (fig.2) o menino ocupa o centro da imagem e recebe dos adultos total atenção sobre seus atos. Na *kylix* (fig.3), ainda que divida o espaço da gravura com a mulher adulta, a criança retratada é o cerne da ação, haja vista receber total atenção da mulher que o estimula a se movimentar. As imagens aqui analisadas reforçam a informação contida na documentação escrita de que os *brepchos* deveriam receber os diversos cuidados por parte dos adultos que objetivavam garantir sua sobrevivência e seu desenvolvimento. Entretanto, as mesmas imagens ampliam, e por vezes descontroem, as informações expressas nos textos filosóficos de que o ateniense do período clássico desprezasse o limiar da vida humana, uma vez que ilustram cenas de carinho pelas crianças muito pequenas e de interesse em suas ações. Sutton Júnior (2004, p. 347) atesta que os objetos eram utilizados e vistos por mulheres como modo de encorajá-las a exercer sua função no oikos. Compreendemos que as cenas representadas nesses vasos possuem estreita relação com o imaginário social da época acerca da importância ocupada pelas crianças na sociedade, haja vista as esposas dos cidadãos não participarem da educação formal realizada pela Paidéia, tendo muitas vezes as cenas contidas nas cerâmicas como informação e reforço dos ideais sociais.

Considerações Finais

O debate historiográfico realizado nesta pesquisa e a análise dos documentos antigos demonstram que, embora não houvesse no vocábulo grego antigo um termo único que definisse a faixa etária que hoje compreendemos por *infância*, as múltiplas denominações e cuidados com os futuros cidadãos da polis nos possibilitam afirmar que havia entre os atenienses um sentimento que diferenciava as crianças dos adultos. Em outras palavras, afirmamos que a sociedade ateniense tinha consciência da peculiaridade

¹² Sobre a cadeira P18010, consultar o artigo *Sella Cacatoria. A Study of the Potty in the Archaic and Classical Athens*, de Kathleen M. Lynch e John Papadopoulos.

deste estágio do desenvolvimento humano, conforme é possível constatar tanto na documentação escrita quanto na iconográfica. Portanto, defendemos que os atenienses do período clássico não concebiam a criança enquanto um adulto em miniatura, mas incompleta, ocupando a educação familiar e a Paideia um papel importante no processo de formação dessa.

Pensadores gregos, como Platão e Aristóteles, registraram elementos sobre os mais diferentes aspectos que sustentam nossa tese. A visão negativa que *a priori* pode parecer que estes filósofos expressavam sobre as crianças estava relacionada ao fato dessas ainda não possuírem pleno controle sobre sua racionalidade. Além do mais, a apreciação das cenas infantis gravadas nas cerâmicas áticas nos oferece uma nova leitura sobre o modo como os atenienses do período clássico se relacionavam com as crianças e cuidavam delas, uma vez que as imagens contidas nos vasos antigos nos apresentam aspectos mais próximos do cotidiano dos filhos dos cidadãos, ou seja, daqueles que pertenciam à elite política de Atenas, mas que nem sempre compartilhavam dos ideais filosóficos.

WERE THERE AMONG THE ATHENIANS FROM THE CLASSICAL PERIOD THE IDEA OF CHILDHOOD? A POSSIBILITY OF ANALYSIS UPON THE DIALOGUE BETWEEN GREEK POTTERY AND PHILOSOPHY.

Abstract: This article brings an interpreting proposal over the notion that ancient Athenians from the classical period had about the characteristics of a child on its first years of life, which is what today we name *childhood*. For that, under the light of specialized historiography, a dialogue is made between Plato and Aristotle has printed texts concerning the representations of three small children from attic pottery of V B.C. Our intention is to discuss if the boys were treated like miniature adults for the classical period Athenians or if they received particular cares, which could distinguish this stage from their other human development ones.

Keywords: Childhood. Paideia. Classical Athens. Greek Pottery. Ancient Philosophy.

Referências

Documentação Textual

ARISTÓTELES. *Política*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

ARISTOTLE. *Nicomachean Ethics*. Trad: David Ross. Oxford University Press: Londres, 1998.

_____. *Politics*. Trad: H. Rackham. Cambridge/ London: Harvard University Press/ William Heinemann, 1959.

HIPPOCRATES. *Epidemics*. Vol. VII. Trad: Wesley D. Smith. Cambridge/ London: Harvard University Press/ William Heinemann, 1994.

PLATÃO. Protágoras. In: _____. *Diálogos I*. Trad. Edson Bini. Bauru: EDIPRO, 2007. P.249-320.

PLATON. *La République*. Trad: Émile Chambry. Paris: Belles Lettres, 1949.

_____. *Protagoras*. Trad. A Croiset. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

Referências Imagéticas

Figura 1. *Pelike* ática de figuras vermelhas. 440-420 a.C. Cemitério de Camiros. Museu Britânico de Londres. Créditos: curadores do Museu Britânico de Londres. Disponível em: https://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details/collection_image_gallery.aspx?partid=1&assetid=353300001&objectid=400076 Acesso em 01/03/2018.

Figura 2. *Hydra* de figuras vermelhas. F2395. Aprox. 450-400 a.C. Autor Desconhecido. Museu de Antiguidades de Berlim, Oxford. Fotografia: J.Tietz-Glagow. In: SUTTON JR., Robert F. Family Portraits: Recognizing the "Oikos" on Attic Red-Figure Pottery. *Hesperia Supplements*, Vol. 33, XAPIΣ: Essays in Honor of Sara A. Immerwahr (2004), pp. 345. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/1354076>. Acesso em 13/05/2014.

Figura 3: Interior de uma *kylix* de figuras vermelhas, atribuída a Sotades. 460 a.C. A890. Museus Reais de Bruxelas. In: LYNCH, Kathleen M.; PAPADOPOULOS, John K. Sella Cacatoria: A Study of the Potty in Archaic and Classical Athens. *Hesperia*, 75(1):1-32. Abril, 2006. p.20. Disponível em: <https://www.ascsa.edu.gr/uploads/media/hesperia/25067974.pdf>. Acesso em 01/03/2018.

Bibliografia

ANDRADE, Lucimary Bernabé Pedrosa de. Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 193 p.

ARIÈS, Phillipe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BEAUMONT, Lesley. Mythological Childhood: A Male Preserve? An Interpretation of Classical Athenian Iconography in Its Socio-Historical Context. *The Annual of the British School at Athens*, Vol. 90, Centenary Volume (1995), pp. 339-361. Disponível em http://www.jstor.org/stable/30104530?seq=1&cid=pdf-reference#references_tab_contents. Acesso em 04/03/2018.

CAMBIANO, Giuseppe. Tornar-se Homem. In: VERNANT, Jean-Pierre (org.). *O Homem Grego*. Lisboa: Presença, 1994. p.75-101.

CARVALHO, Margaria Maria de; FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. Os avanços da História Antiga no Brasil: algumas ponderações. *História*. São Paulo, v. 26 n. 1, p. 14-19, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v26n1/a02v26n1.pdf>. Acesso em 11/05/2016.

CERQUEIRA, Fabio Vergara. A iconografia dos vasos gregos antigos como fonte histórica. *História em Revista*. Pelotas: v.6, p.85-96, 2000.

CHARLOT, Bernard. L'idée d'enfance dans la philosophie de Platon. *Revue de Métaphysique et de Morale*. Paris, 82e Année, No. 2 (Avril-Juin 1977), p. 232-245. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40901745>. Acesso em 09/04/2016.

COHEN, Ada. Introduction: Childhood between Past and Present. *Hesperia Supplements*, Vol. 41, *Constructions of Childhood in Ancient Greece and Italy* (2007), pp. 1-22. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/20066780>. Acesso em 26/02/2017.

Dalmo de Abreu Dallari. "Platão inexplorado". In: PLATÃO. *As Leis*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 1999, p. XXXI.

CONDE, Margarita Moreno. Las edades de la vida: infancia y vejez através de la iconografía griega. In: (IRIARTE, Ana; FERREIRA, Luísa de Nazaré (orgs). *Idades e gênero na Grécia Antiga*: Coimbra: Universidade de Coimbra, 2015. P.31-60

DEAN-JONES, Lesley. The Child Patient of the Hippocrates: Early Pediatrics? In: GRUBBS, Judith Evans; PARKIN, Tim (orgs.). *Oxford Handbook of Childhood and Education in the Classical World*. New York: Oxford University, 2013. p.108-124.

FERREIRA, José Ribeiro. Educação em Esparta e em Atenas: dois métodos e dois paradigmas. In: FIALHO, Maria do Céu; LEÃO, Delfim Ferreira; FERREIRA, José Ribeiro. *Paideia e Cidadania na Grécia Antiga*. Coimbra: Ariadne, 2006. p. 11-34.

FLACELIÈRE, Robert. *A Vida Quotidiana dos Gregos no Século de Péricles*. Lisboa: Livros do Brasil, S/D.

FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. *Nascer, Viver e Morrer na Grécia Antiga*. São Paulo: Atual, 2004.

GOLDEN, Mark. *Children and childhood in classical Athens*. Baltimore/London: Johns Hopkins University, 1993.

JAEGER, Werner Wilhelm. *Paidéia: Formação do Homem Grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

KOHAN, Walter Omar. Infância e educação em Platão. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.29, n.1, p. 11-26, jan./jun. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a02v29n1.pdf>. Acesso em 09/04/2016.

LAGIA, Anna. Notions of Childhood in the Classical Polis: Evidence from the Bioarchaeological Record. *Hesperia Supplements*, Vol. 41, *Constructions of Childhood in Ancient Greece and Italy* (2007), pp. 293-306. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/20066795>. Acesso em 26/02/2017.

LIMA, Alexandre Carneiro Cerqueira. A pólis e suas imagens: produção, circulação e "censura". In: _____ (Org.). *Pintura e Imagem: Representações do Mundo Antigo*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011. p.35-45.

LIMA, Antônio José Araújo. O lúdico em clássicos da Filosofia: uma análise em Platão, Aristóteles e Rousseau. *Anais do II Congresso Nacional de Educação (CONEDU)*. Campina Grande, 2015, pp.1-11. Disponível em

http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_M D1_SA6_ID6556_16082015154402.pdf. Acesso em 28/12/2018.

LYNCH, Kathleen M.; PAPADOPOULOS, John K. Sella Cacatoria: A Study of the Potty in Archaic and Classical Athens. *Hesperia*, 75(1):1-32. Abril, 2006. p.20. Disponível em: <https://www.ascsa.edu.gr/uploads/media/hesperia/25067974.pdf>. Acesso em 01/03/2019.

MARROU, Henri Irénée. Educação e retórica. In: FINLEY, Moses I. (Org). *O legado da Grécia: uma nova avaliação*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p. 211 – 228.

_____. *História da Educação na Antiguidade*. São Paulo: EPU, 1990.

MOSSÉ, Claude. *O Processo de Sócrates*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

MURRAY, Oswyn. O homem e as formas da sociabilidade. In: VERNANT, Jean-Pierre (org.). *O Homem Grego*. Lisboa: Presença, 1994. p. 199-228.

OAKLEY, John H. Children in Archaic and Classical Greek Art: a survey. In: GRUBBS, Judith Evans; PARKIN, Tim (orgs.). *Oxford Handbook of Childhood and Education in the Classical World*. New York: Oxford University, 2013. p.147-171.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Iniciação filosófica com crianças: formação cognitiva, estética e ética. In: FELDENS, Dinamara Garcia; SALES, José Albio Moreira de (org.). *Arte e Filosofia na mediação de experiências formativas contemporâneas*. Fortaleza, EDUECE, 2013. P.26-47.

PANOFSKY, Erwin. *Estudos de Iconologia*. Lisboa: Estampa, 1982.

PEREGRINO, Giselly dos Santos. Infância. In: *A educação pela infância em Manoel de Barros*. 2010. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.16078> Acessado em 25/03/2017.

SALLES, Catherine. O Mundo Grego: Homens, Mulheres, Crianças. In: _____. *Nos Submundos da Antiguidade*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 14 – 148.

SARIAN, Haganuch. *Poiein-gráphein*: o estatuto social do artesão-artista de vasos áticos. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. S. Paulo, 3: 105-120, 1993.

SOARES, Carmen Isabel Leal. A construção de modelos educativos na Antiguidade: pais e mães das Histórias de Heródoto. *Ágora – Estudos Clássicos em debate*, n.10, 2008, p. 9-24. Disponível em <http://www.redalyc.org/pdf/3210/321027641001.pdf>. Acesso em 07/04/2016.

SUTTON JR., Robert F. Family Portraits: Recognizing the "Oikos" on Attic Red-Figure Pottery. *Hesperia Supplements*, Vol. 33, XAPIE: Essays in Honor of Sara A. Immerwahr (2004), pp. 327-350. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/1354076>. Acesso em 13/05/2014.

TRABULSI, José Antonio Dabdab. *Dionisismo, poder e sociedade na Grécia até o fim da época Clássica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

VICENTE, Daniel Justel. El estudio de la infancia en el Mundo Antiguo. In: _____. (org.). *Niños en la Antigüedad*. Estudios sobre la infancia en el Mediterráneo antiguo. Zaragoza: Prensas de Universidad de Zaragoza, 2012. p.15-29.

SOBRE A AUTORA

Luana Neres de Sousa é doutora em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG); professora substituta do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), campus Aparecida de Goiânia.

Recebido em 12/03/2019

Aceito em 25/07/2019